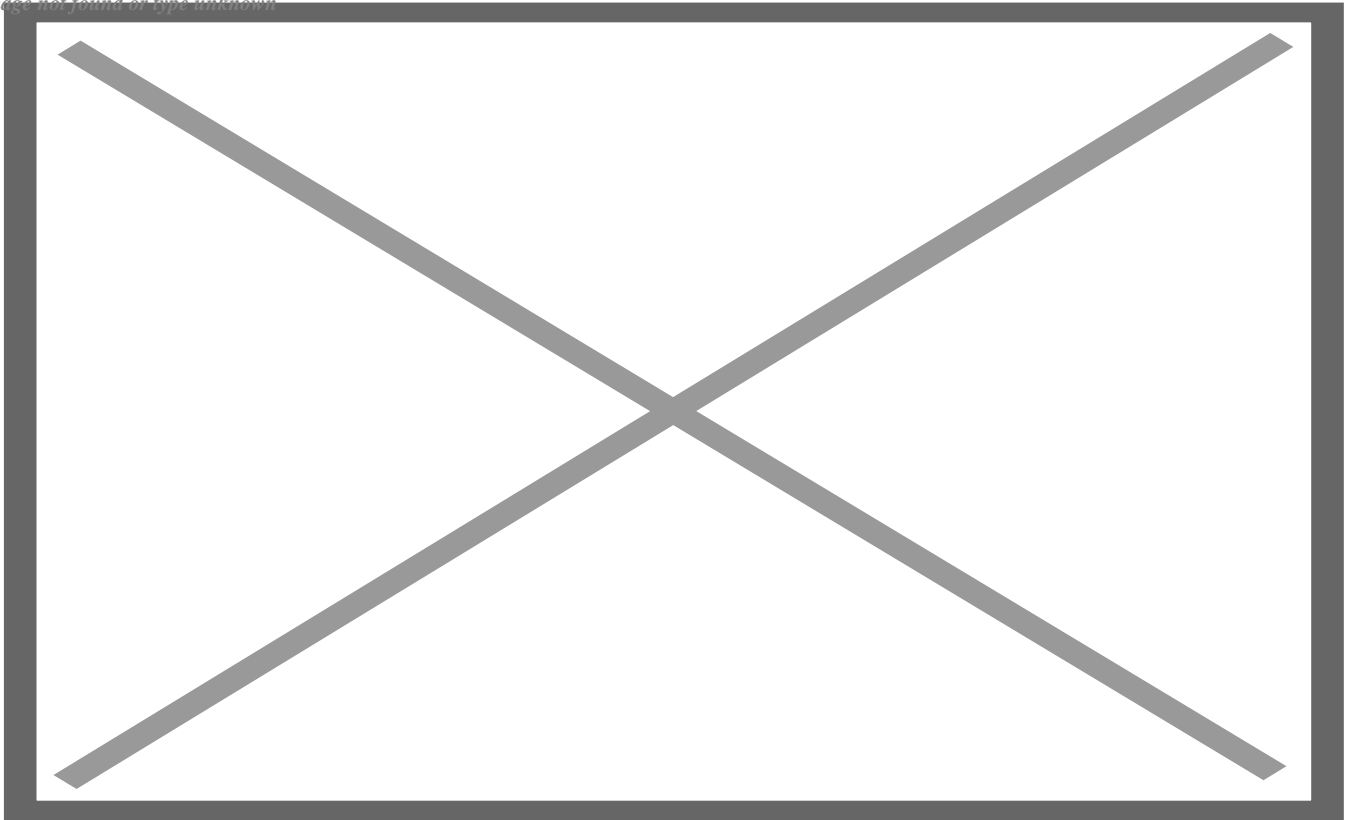


Cuba rememora o fuzilamento de oito estudantes de medicina em 1871

Image not found or type unknown



homenagem aos oito estudantes de medicina, no 150o aniversário de seu fuzilamento.

Havana, 27 de novembro (RHC) A execução por fuzilamento de oito estudantes de medicina, um dos crimes mais hediondos cometidos pelo regime colonial espanhol em Cuba, é lembrada hoje por ocasião do 152º aniversário desse evento.

Mesmo com o passar do tempo, o horrendo evento de 27 de novembro de 1871 retorna à memória histórica da nação como outro exemplo da perversidade de impérios em declínio, como o da Espanha, que estava recebendo golpes esmagadores do Exército de Libertação de Cuba.

Nesse contexto, a resposta foi criar um clima de terror em toda a Ilha, com base em denúncias de supostos atos contra seu governo, um dos quais levou à prisão, ao julgamento apressado e à execução sem contemplação dos jovens inocentes.

Os eventos começaram em 24 de novembro, quando um grupo de estudantes, enquanto aguardava a chegada de seu professor, percorreu o cemitério de Espada, na capital colonial de Cuba, alguns brincando com o carrinho que transportava cadáveres e um deles pegou uma rosa do cemitério.

Uma denúncia do zelador - mortificado pelo "dano" ao seu jardim - acusou falsamente os garotos de terem profanado o túmulo do jornalista Gonzalo Castañón, que tinha pregado o extermínio dos cubanos e do repovoamento da ilha com espanhóis.

As investigações históricas confirmaram não apenas a falsidade da acusação e a inocência implícita nos atos daqueles adolescentes, mas também as injustiças que se seguiram para os 45 presos.

Após uma primeira corte marcial, que concluiu não haver motivos para culpá-los, alguns foram libertados e outros receberam penas menores, mas a impotência e a sede de vingança política da Espanha pelas derrotas militares contra as tropas pró-independência no interior de Cuba eram evidentes.

O Corpo de Voluntários Espanhóis, então, pressionou por uma segunda audiência oral com outro tribunal que condenou cinco dos jovens presos e três outros escolhidos aleatoriamente à pena máxima.

Investigações posteriores mostraram que um deles nem sequer estava em Havana no dia dos fatos.

A execução sumária dos futuros médicos cubanos foi rejeitada dentro e fora da Ilha e, nas fileiras espanholas, os capitães Nicolás Estévez e Federico Capdevila, o defensor público dos jovens acusados, renunciaram a seus cargos.

A Espanha fez um gesto de "mea culpa" diante do escândalo causado por sua crueldade e, após uma investigação, removeu de seus cargos o capitão-geral de Cuba, Blas Villate, seu segundo em comando, Romualdo Crespo, e o governador político Dionisio López, o principal instigador, promotor e culpado.

<https://www.radiohc.cu/index.php/pt/noticias/nacionales/340524-cuba-rememora-o-fuzilamento-de-oito-estudantes-de-medicina-em-1871>



Radio Habana Cuba